

E-BOOK GRATUITO

O FUTURO DO TRABALHO

StartSe 

SUMÁRIO

1. O FIM DO EMPREGO TRADICIONAL	03
2. LEIS TRABALHISTAS SÃO AS PRIMEIRAS A MORRER	04
3. UBER FOI SÓ A PONTA DO ICEBERG	05
4. MILHÕES DE DESEMPREGADOS	07
5. COMO FAZER PARA MANTER SEU EMPREGO	09
6. RESISTIR É INÚTIL	12
7. ECONOMIA COLABORATIVA	13
8. MUDANÇA NO AMBIENTE DE TRABALHO	15
9. EMPREENDER	17
10. O SONHO DE TODO PAI	19
11. O QUE VOCÊ VAI ESCOLHER?	22

O FIM DO EMPREGO TRADICIONAL

Você trabalha das 9h às 18h todo dia? Acorda cedo, chega em casa, assiste um pouco de Netflix e vai dormir? Pois bem. Esse tipo de trabalho vai acabar. Isso não significa que você vá ficar sem trabalho, mas talvez as relações de trabalho mudem significativamente nos próximos anos (e décadas) até um período em que os trabalhos serão muito menos "regulares" - mesmo que muita gente trabalhe 8h por dia, das 9h às 18h, essa provavelmente vai ser uma escolha dela e não do "sistema". O futuro do trabalho é completamente diferente do que estamos acostumados atualmente, mesmo quando eles se parecerem praticamente igual.

O primeiro ponto passa por uma mudança geracional importante, com a geração Y chegando ao mercado de trabalho. A maioria dos empregos 9h às 18h são regulados (alô, CLT) demais para uma geração que quer, como um dos principais benefícios, liberdade de horário, de trabalhar onde quiser e como quiser. É uma geração de pessoas que quer mais autonomia e empreendedorismo e menos burocracia. Essa é a geração que vai moldar o futuro do trabalho, então preste atenção!



LEIS TRABALHISTAS SÃO AS PRIMEIRAS A MORRER

Ter atitude empreendedora e autonomia, porém, não combina com as leis trabalhistas que temos atualmente no Brasil. Ter "mentalidade de dono", coisa que as empresas requerem hoje, provavelmente vai te fazer trabalhar mais que as 8h diárias reguladas pela CLT. Ter autonomia também traz grandes responsabilidades para as pessoas. Ter uma atitude empreendedora não é fácil, mesmo que você esteja na empresa de outra pessoa.

A geração Y é muito mais empreendedora do que as gerações anteriores. A vontade de empreender, mudar o mundo e de intraempreendedorismo é mais forte do que nunca. Muitas pessoas entram em empresas hoje para aprenderem e aspiram ter um negócio próprio no futuro. Isso é completamente diferente do que tínhamos alguns anos atrás, quando a classe média tinha a aspiração máxima de ou trabalhar em um cargo executivo de uma grande empresa, ou realizar um concurso público.

Além disso, com o avanço das máquinas sobre os empregos menos produtivos e mais repetitivos, a tendência é que as leis trabalhistas sejam deixadas de lado (uma vez que elas fazem mais sentido para os trabalhadores em situações precárias, que serão substituídas por máquinas). Com um período de maior liberdade, leis deverão ser algumas das casualidades previstas



O UBER FOI SÓ A PONTA DO ICEBERG

Essa mudança de comportamento, porém, não se aplica para uma grande quantidade de trabalhos e funções. Um médico ou um motorista, por exemplo, dificilmente poderá ter uma atitude empreendedora para o seu trabalho no dia-a-dia, embora na essência a grande maioria desses profissionais seja autônomo (e, portanto, empreendedores). São trabalhos e funções importantíssimas que trabalham repetições.

Claro que há uma infinidade de jeitos de inovar nestas profissões (ou de melhorar o serviço adequando características de empreendedorismo), mas o grande escopo do trabalho continua sendo resolver o caso/corrida Y ou Z. Para estas profissões, o que se vê é um aumento do que se chama economia por demanda, estimulada por aplicativos como o Uber.

Ao invés de ser contratado para uma companhia para realizar esse tipo de serviço, acaba sendo mais vantajoso o trabalhador ser autônomo e trabalhar conforme as demandas que ocorrem - de certa forma, de maneira muito mais produtiva.

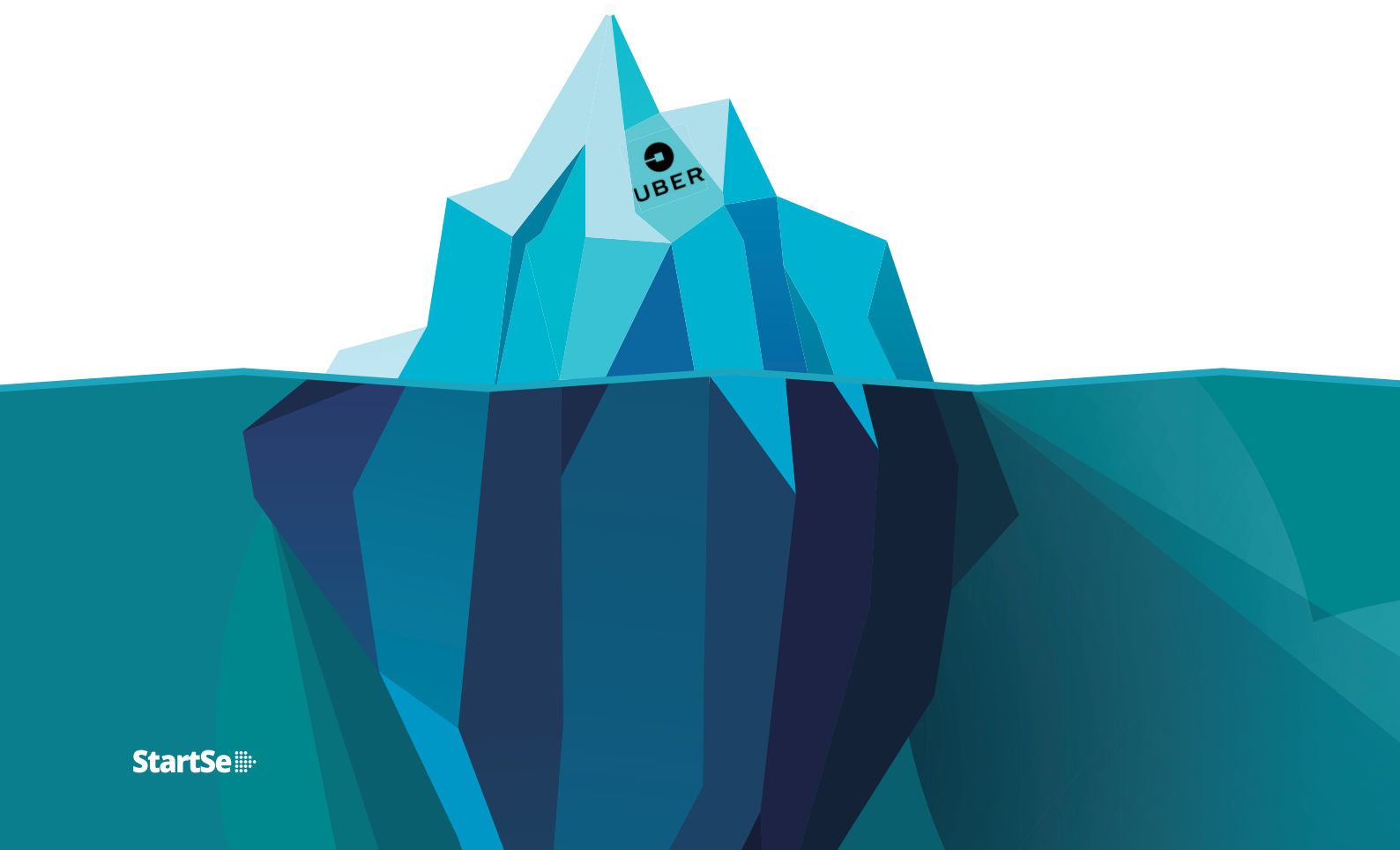
A entrada do Uber gerou renda e trabalho para muitas pessoas que estavam sem emprego de forma totalmente autônoma: se há demanda e você pode prestar a oferta, vai lá e faça. Essa é uma máxima que deverá ficar cada vez mais forte em um futuro recente.

Os aplicativos facilitam muito esse tipo de realinhamento econômico. E são uma tendência cada vez maior: quantas vezes você já ouviu a expressão "Uber disso..." e "Uber daquilo"? Dezenas de vezes, eu aposto. E tem alguns que são muito interessantes, de verdade. É um modelo de negócio que chegou para ficar e que vai mudar relações empregatícias em milhares de profissões, rumo a um mundo de mais autonomia.

Há também os empregos que a tecnologia deverá substituir por completo. Um artigo muito famoso escrito em 2016 dizia que o modelo de fast food estava fadado ao fracasso por conta do aumento dos custos dos trabalhos mais básicos. Muito pelo contrário. Os robôs e a tecnologia vão fazer as coisas mais baratas e melhores.

O que vai acontecer é a crescente mecanização destes empregos. Isso já acontece no McDonald', que passou a usar máquinas para anotar o pedido das pessoas. Quer ver isso em funcionamento de maneira fácil? Dê uma olhada nos cinemas da Cinemark, onde já é possível comprar teu ingresso por máquinas, reduzindo a necessidade de pessoas nos caixas. E baixando o preço de dezenas, centenas de produtos e serviços.

Em um mundo ideal, isso abre espaço para que essas pessoas realizem outros trabalhos mais produtivos para a sociedade. É a mesma coisa que aconteceu com os datilógrafos (que é um tipo de emprego que desapareceu por completo), quando inventaram o computador - ou seja, a inovação traz mais produtividade, naturalmente, que por sua vez traz mais prosperidade. O futuro do trabalho é menos mecânico e imensamente mais produtivo.





800

MILHÕES

DE DESEMPREGADOS EM POUCO MAIS DE 10 ANOS

Essa mecanização do trabalho fará com que muitas pessoas tenham que se adaptar. Um estudo do McKinsey Global Institute destaca que cerca de 800 milhões de pessoas em todo o mundo ficarão desempregadas até 2030. Essas pessoas deverão encontrar novos empregos, mas 375 milhões de pessoas - 14% da força de trabalho do mundo - poderão até que ter que encontrar novas profissões para voltarem ao mercado de trabalho.

Isso acontecerá porque algumas profissões desaparecerão ou precisarão de muito menos pessoas do que as atuais graças à mecanização, segundo o estudo. O nível de disrupção é altíssimo: 800 milhões de pessoas é mais de 10% de toda a população mundial. Mas é o caminho natural para a economia mundial e uma tendência - não dá para fugir disso. O mais importante é conseguir adaptar-se para este novo mundo que está surgindo.

Já o Fórum Econômico Mundial espera que 5 milhões de empregos sejam perdidos antes de 2020. 2,1 milhões de empregos serão criados também por conta de mesmos avanços de tecnologia, insuficiente para "fechar a conta". Esses 5 milhões de pessoas que perderão o emprego não vão ter as habilidades necessárias para competir por esses 2,1 milhões de postos novos. Enquanto 5 milhões parece um número muito pequeno em escala global, é válido lembrar que esse é apenas o impacto de curtíssimo prazo.



JOVENS ESTÃO APRENDENDO PROFISSÕES QUE VÃO DEIXAR DE EXISTIR

Contudo, adaptação é a última palavra que tem sido colocada na mesa. De acordo com o relatório *The New Work Order*, divulgado pela *Foundation for Young Australians (FYA)*, mais da metade dos estudantes do país estão atrás de carreiras que se tornarão obsoletas pelos avanços tecnológicos e automação, enquanto poderiam estar aprendendo profissões que vão ser mais duradouras no longo prazo.

Em um apontamento preocupante, a pesquisa mostra que 60% dos jovens entram no mercado de trabalho em empregos que serão "radicalmente afetados pela automação", que pode ocorrer dentro dos próximos 10 a 15 anos. Ao avaliarmos esse cenário na primeira vista, isso é preocupante. Mas o que acontecerá é que 65% das crianças de hoje vão trabalhar em cargos que não existem no momento. "Não apenas novos trabalhos serão construídos, mas novos setores serão criados com o tempo", disse Michael Chui, autor do relatório de McKinsey.

A CEO da FYA, Jan Owen, disse que enquanto a taxa de desemprego e subemprego para os jovens na Austrália já é de cerca de 30%, as chances de conseguir uma posição no mercado de trabalho vão continuar a encolher. "Nossa análise descobriu que 60% dos estudantes ocuparão empregos que terão um nível de automação de dois terços nas próximas décadas", destacou. Isso é preocupante: embora o estudo seja australiano, vale lembrar que a economia deles já é, em si, mais avançada e mecanizada que a nossa. Por conta disso, estima-se que o efeito deverá ser ainda maior no Brasil.

O relatório também afirma que a forma como trabalhamos mudará – mais automação, globalização e carreiras mais colaborativas poderiam ajudar a diminuir as barreiras do trabalho e tornar nossa vida mais flexível e menos regulada. Ou seja, em linha com o que temos falado até agora.

O relatório recomenda que se dê mais ênfase às habilidades digitais e ao empreendedorismo para os jovens. Acrescenta também que a redução dos impostos para os trabalhadores de baixa renda e a concessão de mais direitos aos trabalhadores freelancers poderiam ajudar a preparar a economia e a sociedade da Austrália para o futuro.

PILOTO DE AVIÃO

OPERADORES DE MAQUINAS

ANALISTA DE DADOS

ENGENHEIRO DE SOFTWARE

CONTADORE

REPOSITORES DE ESTOQUE

Fazendo coro, em 2016, um relatório dos professores da Oxford, Carl Benedikt Frey e Michael Osborne, descobriu que um terço de todos os empregos no Reino Unido se tornará obsoleto pela robótica nos próximos 20 anos. Os trabalhos de secretariado, administrativos e de caixa já foram prejudicados pelos avanços da computação e acredita-se que muitos empregos em trabalhos manuais podem estar em risco significativo de serem automatizados.

MAS QUAIS OS EMPREGOS QUE ACABARÃO?

As profissões que serão extintas não são separadas por renda, por exemplo, mas por necessidade. Mas os trabalhadores que ganham salários médios – que não são executivos, mas também não recebem baixos salários – em empregos de processos estruturados deverão sentir as mudanças primeiro.

Trabalhos propensos a serem automatizados por esforço repetitivo serão os primeiros a serem eliminados. Trabalhos que envolvem um alto grau de sociabilidade, por sua vez, deverão “se segurar” e demorar para serem extintos. Cálculos e montagem são coisas mais fáceis de automatizar do que comunicação humana.

Contudo, por mais que empregos não deixem de existir, parte de suas tarefas vão ser automatizadas e serão trocadas por robôs. Um advogado, por exemplo, passará menos tempo fazendo trabalhos manuais, como por exemplo pesquisas nas mais diversas leis e criação de contratos. Essa parte automatizada permitirá com que eles tenham mais tempo livre para procurar outras atividades, como prospecção de clientes e fundamentação dos argumentos. Como consequência, grandes escritórios precisarão contratar menos pessoas para servirem como assistentes dos advogados.

Algumas cidades serão mais afetadas pela automação do que outras. Las Vegas é um exemplo citado por Jess Chen, uma pesquisadora no Institute for Spatial Economic Analysis. A cidade possui 65% de suas profissões suscetíveis à automação em 2035, como cozinheiros e ocupação de escritórios e vendas. Em outras palavras, a cidade do pecado logo se tornará na cidade do desemprego se nada for feito a respeito.

ASSISTENTE JUR

AUDITORES

OPERADOR DE
TELEMARKETING

ANESTESISTA

CAIXA

CORRETORES
DE SEGURO

COMO FAZER PARA MANTER SEU EMPREGO?

Algumas instituições pedem que governos e empregadores trabalhem para retrainar e reorientar trabalhadores, fugindo de uma potencial crise. "Sem uma ação urgente atualmente para gerenciar e construir uma força de trabalho que esteja atualizada para o futuro, os governos vão ter que lidar com um desemprego e desigualdade maiores, além de negócios com uma base consumidora cada vez menor, alerta Klaus Schwab, fundador do Fórum Econômico Mundial. Bill Gates e Mark Zuckerberg já chegaram a defender uma espécie de bolsa-família universal para minimizar esses efeitos.

Mas que tipo de habilidades os trabalhadores precisam adquirir para ter certeza que terão valor na economia dos próximos anos? Bom, algumas delas você já deveria ter obtido, na pré-escola. São habilidades como negociar e dividir que deverão ter mais força, de acordo com David Deming, professor de educação e economia em Harvard.

Para ele, o ambiente de trabalho moderno será mais parecido com a própria pré-escola, onde pessoas se movimentam entre projetos e papéis diferentes. Empatia e cooperação serão essenciais para essa nova era do trabalho no planeta.

Deming mapeou que as necessidades dos empregadores e identificou as habilidades necessárias para dominar o mercado de trabalho no futuro próximo. Contudo, quem era bom apenas em uma única coisa, como matemática, vai sofrer. E eles irão para cargos que não devem ser substituídos – como cuidar de crianças –, aumentando a oferta e derrubando os salários nestas áreas.

O estudo de Deming mostra que os funcionários do futuro serão os que vão combinar habilidades pessoais e matemáticas – estes terão as melhores oportunidades. O desafio agora é que educadores complementem seus ensinamentos com as habilidades necessárias, embora ainda seja necessária uma vida de aprendizados para continuar cada vez mais atualizado (isso é cada vez mais verdadeiro). De fato, o job displacement é uma das discussões do futuro, mas há um futuro tão distante que não haverá mais nenhum tipo de discussão...

MENOS TRABALHOS

Todo mundo já passou pela seguinte situação: precisou ir no supermercado para comprar um único item (ou alguns poucos) e acabou pegando uma fila gigantesca, seja por excesso de gente na loja ou por conta da falta de caixas. A Amazon tem uma solução para esse problema. A empresa tem um supermercado inteiro em Seattle sem caixas. Completamente sem caixas.

A companhia conseguiu eliminar os caixas e os atendentes ao criar um ambiente cheio de câmeras e inteligência artificial, onde o usuário pega o produto da prateleira, bota no carrinho. Uma câmera consegue analisar o que foi subtraído da prateleira e debitar automaticamente do usuário (no momento em que ele sair da loja).

No fim, são menos trabalhadores de atividade pouco produtiva necessários para uma mesma operação. Para a empresa? Sensacional, pois economiza nos custos trabalhistas destes trabalhadores. E os empregos gerados neste ambiente tendem a ser de maior qualidade, já que passam a ser técnicos capazes de instalar e manter funcionando este sistema tecnológico. Essa é a tendência do futuro.

RESISTIR É INÚTIL

A humanidade está construindo robôs com inteligência artificial que, um dia, tomarão todos os seus empregos – deixando a gente em “férias permanentes”. Contudo, ainda vai demorar 125 anos até que todos os empregos na Terra sejam desempenhados por máquinas, de acordo com um estudo de pesquisadores das universidades de Oxford e Yale.

Existem, contudo, uma série de atividades que não demorarão para poderem ser substituídas por robôs: em meros cinco anos, eles deverão superar a humanidade em jogos simples como Angry Birds, passando para atividades mais complexas como Poker, Starcraft e dobrar roupas. Até 2024 os robôs vão conseguir transcrever e traduzir textos melhores que humanos, além de se tornarem operadores de telefonia melhores também.

Dentro de uma década, máquinas também serão melhores compondo músicas pop do que humanos, além de dirigirem todos os caminhões – mudando para sempre as estradas ao redor do mundo. Em 15 anos, robôs vão superar humanos como vendedores de varejo, um dos setores que mais empregam pessoas atualmente.

Demorará três décadas para que robôs consigam se tornar tão bons escritores a ponto de escrever uma obra digna de se tornar um best-seller. Ao redor deste período, eles também serão melhores que humanos para realizar qualquer tipo de cirurgia. E em pouco menos de cinco décadas, serão melhores em qualquer função humana – podendo assumir qualquer emprego. Contudo, conforme o custo destes robôs seja elevado perto de empregar um trabalhador comum, ainda demorará mais 70 anos depois disso até que todos os empregos sejam desempenhados por máquinas.



ECONOMIA COLABORATIVA

ISSO MUDA O JOGO?

A gig economy será a principal tendência dentro dos escritórios nos próximos anos. Com isso, a vida dos funcionários será modificada completamente, é o que acredita Patrick Petitti, CEO da Catalan Technologies, que trabalha com 30% das empresas que estão na Fortune 100 – uma lista anual das maiores empresas públicas e privadas dos Estados Unidos.

Mas o que é gig economy? A gig economy, também conhecida como “economia freelancer” ou “economia compartilhada” (um termo um tanto quanto incorreto), é um ambiente que compreende tanto trabalhadores temporários e sem vínculos empregatícios quanto empresas que contratam esses trabalhadores para realizar tarefas pontuais. O termo não é novo, mas se tornou uma tendência mundial na era digital, após ser impulsionado por empresas da Nova Economia.

Petitti explica que a forma como as companhias empregam seus funcionários é desatualizada e insana à luz das novas tecnologias. Segundo ele, os profissionais do futuro trabalharão de forma muito mais prática do que trabalham atualmente. A própria Catalant, por exemplo, possui um serviço de matchmaking que conecta empresas a profissionais sob demanda para a realização de projetos específicos.

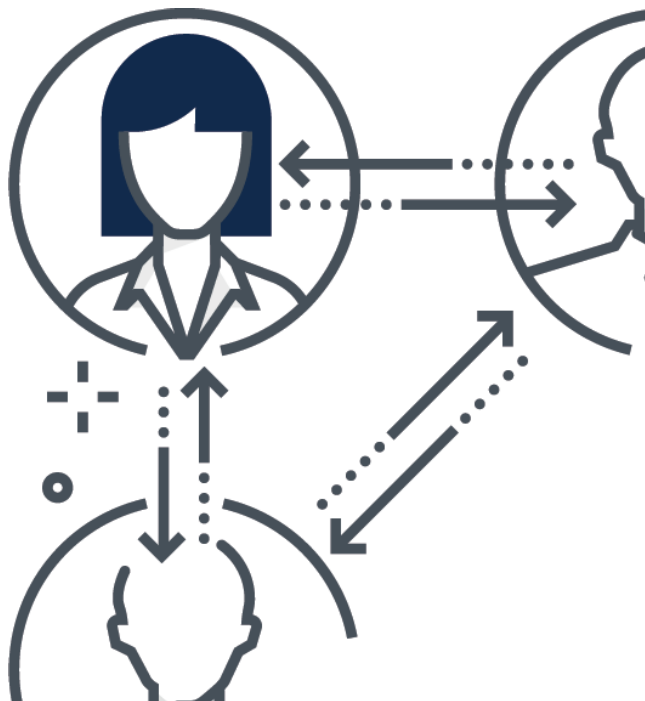
É bem simples: os usuários se inscrevem no site da empresa ou acessam o serviço por meio de várias empresas de consultoria com as quais a Catalant trabalha. Os perfis desses profissionais são exibidos para os gerentes das empresas que estão contratando pessoas para projetos específicos e, ao final do trabalho, o funcionário recebe uma nota referente aos serviços prestados. A correspondência entre as empresas e esses profissionais é feita por um algoritmo com base nas habilidades, interesses, experiência e nível de classificação que os funcionários obtiveram em trabalhos anteriores.

Segundo Patrick, será a tecnologia a responsável por afastar cada vez mais as pessoas dos empregos tradicionais. Para ele e Rob Biederman, o outro CEO da empresa, os funcionários estão começando a ver suas carreiras de maneira diferente – agora eles enxergam o trabalho mais como uma série de experiências de vida e até se envolvem mais com as tarefas. “O modo como as pessoas têm trabalhado tradicionalmente é deprimente... O fato de você estar em uma empresa

que lhe diz o que fazer, quando e onde, isso não está certo. Vivemos em um mundo onde as pessoas devem ser capazes de trabalhar nas coisas com as quais se importam e devem ter mais controle sobre como elas vivem", diz Petitti.

Apesar dos benefícios, o trabalho autônomo também vem com uma série de preocupações em relação à segurança do emprego, salário estável e direitos trabalhistas. O trabalho freelancer pode ter muitos benefícios, mas também pode não ser adequado para todos. Com as leis atuais, de acordo com Frank Field, um deputado do Reino Unido, os trabalhadores da gig economy estão vulneráveis. "Os trabalhadores estão vulneráveis à exploração de empregadores inescrupulosos. Estando em um falso emprego autônomo, eles podem acabar em uma situação com o pior dos dois mundos", afirma o congressista, que tem trabalhado para criar leis específicas para este tipo de trabalho no seu país.

De acordo com Field, é preciso fazer mudanças na lei para proteger adequadamente os trabalhadores freelancers à medida que a economia se desenvolve. E parece que essa mudança acontecerá realmente. Segundo a American Freelance Union, os trabalhadores freelancers agora representam 36% da força de trabalho dos Estados Unidos e devem superar os trabalhadores tradicionais até 2027 – isso mostrará que a gig economy é muito grande.



A MUDANÇA NO AMBIENTE DE TRABALHO

Se uma companhia realmente quer deixar seus funcionários felizes, ela pode considerar cortar suas horas de trabalho. Pelo menos foi isso que uma cidade sueca fez. Pesquisadores da segunda maior cidade do país, conduziram um estudo de 23 meses testando a jornada de trabalho de enfermeiras em uma unidade de saúde mental – cada uma trabalhava cerca de seis horas por dia. As horas das enfermeiras foram cortadas, mas o salário não foi.

Eles descobriram que, como resultado de trabalhar menos horas, os níveis de produtividade dos enfermeiros aumentaram. No geral, os enfermeiros que trabalhavam seis horas por dia tiveram 4,7% menos dias de licença por problemas de saúde do que quando trabalhavam oito horas. Além disso, a proporção de enfermeiros que ainda tinham energia após seus turnos também aumentou – de aproximadamente 20% para 50%.

O estudo concluiu que, trabalhando menos dias, os enfermeiros gerenciavam melhor suas funções e eram mais felizes, mais saudáveis e menos estressados. Os resultados do estudo inspiraram muitas empresas na Suécia a adotar uma jornada de trabalho de seis horas.

A jornada de trabalho de seis horas é uma ideia que vem circulando pela Europa desde 1989, mas que nunca decolou. No entanto, uma outra pesquisa descobriu que seis entre dez chefes acreditavam que a redução da jornada de trabalho para seis horas seria benéfica para os negócios. Com o aumento da produtividade, decorrente de maior tecnologia, jornadas de trabalho mais curtas deverão se tornar regra – não exceção.

BENEFÍCIOS DE JORNADA DE TRABALHO MAIS CURTAS

Mas como, exatamente, um dia de trabalho encurtado poderá ser mais vantajoso tanto para empresas quanto para funcionários?

1 REDUÇÃO DO ESTRESSE

Como apontado pelo American Institute of Stress, inúmeros estudos mostram que o nervoso passado no trabalho é de longe a principal fonte de estresse para americanos. Mas a boa notícia é que gastar menos tempo no trabalho pode aliviar o estresse diário. Ao invés de gastar mais duas horas por dia se preocupando com prazos e e-mails, o profissional consegue dedicar mais tempo para si mesmo – e encontrar um equilíbrio saudável entre a vida pessoal e profissional.

A diminuição do estresse, de acordo com pesquisadores da Noruega, resulta em relacionamentos mais saudáveis entre a equipe. Relacionamentos positivos no local de trabalho são essenciais para um negócio de sucesso, pois aumentam a produtividade e desfrutam de taxas de retenção mais altas.

2 SOCIALIZAÇÃO EXCESSIVA DIMINUI O DESEMPENHO

Embora a socialização no trabalho aumente a produtividade, também há desvantagens quando ela é excessiva. De acordo com um estudo feito com 180 equipes de uma agência de viagens, a socialização em excesso faz com que membros individuais adotem um pensamento de grupo – isso inibe o desenvolvimento de novas ideias e estratégias.

Além disso, não importa o quão bem um funcionário se dá bem com outra pessoa, passar quase 50 horas por semana juntos pode prejudicar um relacionamento. Com um dia de trabalho de seis horas, um funcionário só gastará 30 horas por semana com seus colegas, não mais 40 ou 50. Isso não apenas evita que os membros da equipe fiquem cansados um do outro, mas também garante que eles mantenham seus próprios pensamentos e ideias independentes.

3 AUMENTO DE PRODUTIVIDADE

Todos precisam de um tempo longe do trabalho, isso pode aumentar a produtividade, evitando o esgotamento emocional e aumentando a criatividade criativa. Novamente, quando os membros individuais da equipe são mais produtivos e satisfeitos, a positividade irradia para o local de trabalho como um todo.

4 FUNCIONÁRIOS MAIS SAUDÁVEIS

Ao gastar menos tempo no trabalho, e usá-lo de forma mais produtiva, os funcionários ficam menos estressados, não sentem que estão sobrecarregados e, em geral, são mais felizes. Além disso, com esse ritmo de vida, essas pessoas têm tempo suficiente para participar de atividades mais saudáveis. Como resultado, o sistema imunológico de um funcionário é muito mais forte – o que significa que os colegas não precisam se preocupar em pegar alguma doença de um colega de trabalho.

5 MENOS FALTAS E ERROS

Muitas pessoas acabam ficando para trás e não acompanhando o restante do time, seja por preguiça ou por exaustão. Quando alguém está sobrecarregado, essa pessoa tende a ser menos produtiva e mais propensa a cometer erros em sua rotina de trabalho.

Ao invés de trabalharem juntos em direção a um objetivo comum, os membros da equipe acabam por se ressentir com colegas menos produtivos. É por isso que trabalhar menos horas é uma boa saída para evitar situações desse tipo. Trabalhar seis horas dá aos funcionários a oportunidade de recarregar suas baterias para que permaneçam no desempenho máximo, aumentando sua própria produtividade e a de seus colegas de equipe.

6 FUNCIONÁRIOS MAIS ENGAJADOS

Quando os funcionários trabalham menos horas por dia, eles tendem a aprender mais sobre as metas e objetivos da empresa. Os funcionários que se sentem bem – e que sentem que suas necessidades foram ouvidas ou antecipadas pelo seu empregador – estarão comprometidos em aceitar a missão e a visão da empresa. Como resultado, as equipes estarão unidas para atingir as mesmas metas e objetivos.

Um dia de trabalho de seis horas pode soar como um sonho, mas também pode ser a melhor coisa que você faz para sua equipe. Os benefícios de dar a sua equipe 10 horas de "folga" por semana podem, na verdade, resultar em uma recompensa maior do que a jornada de trabalho de oito horas atual faz.

EMPREENDER

É UMA ALTERNATIVA AO TRABALHO

A primeira opção que você tem nesta nova era é criar seu próprio negócio – que provavelmente é a opção com a maior chance de dar errado, já falando de cara. É também a mais recompensadora, caso dê certo. Só que dar certo é difícil: 90% das empresas morrem nos primeiros anos. Esse aviso não é para te desestimular, ele serve para lembrar que o caminho do empreendedorismo é complicado e tortuoso. Não é fácil e nunca foi fácil. Não é para ser fácil. Mas é extremamente recompensador, financeiramente, emocionalmente.

Não é o caminho para “não ter chefe” ou “estabilidade no emprego”. Pelo contrário, empreender é ter milhares de chefes ao mesmo tempo (seus consumidores). Empreender é passar boa parte do tempo no “fio da navalha”, se preocupando em conseguir vender o almoço para comprar o jantar.

O lado bom, e muito válido destacar, é que nunca foi tão barato empreender na história da humanidade. Hoje em dia, o preço da infraestrutura necessária para manter um negócio digital no ar (um site, ou um aplicativo) caiu drasticamente graças às empresas de computação em nuvem, como a Microsoft (e a sua nuvem Azure) e a Amazon, que tem a Amazon Web Services. E com o desenvolvimento de inteligências artificiais, isso deverá ficar cada vez mais barato.

Com a redução de custos por conta do IaaS (Infraestrutura como Serviço, na sigla em inglês), o dinheiro necessário para empreender caiu e muito, puxando o risco para baixo. Dez anos atrás, você mesmo precisava montar o seu servidor. E isso vinha antes de ter a demanda para o servidor, que poderia nunca vir, resultando em uma perda gigantesca de dinheiro. Isso mudou e agora é a melhor hora para empreender.

Empreender é dar a chance de ter algo extremamente recompensador na sua vida. Sua empresa é uma espécie de filho e que, quando estiver gerando vendas e crescendo, vai te dar muito orgulho. Trabalhar para si mesmo, como empreendedor, é muito mais empolgante para a maioria das pessoas do que sentar-se em um escritório de uma grande empresa.

E também é importante ressaltar que empreendedores criam empregos (e vão continuar criando!) e fazem a economia crescer. Saber que você está fazendo bem para tantas pessoas envolvidas no seu negócio muito grande para muitos. Empreender não é apenas benéfico para você: é bom para toda a sociedade brasileira.

Assim que você começar a empreender, saiba que existe um risco ENORME. Se nas grandes empresas o seu medo é ser demitido, saiba que no empreendedorismo também é possível passar por algo traumático assim: perder todos os clientes. Ou fazer uma má gestão financeira e falir. As coisas podem dar errado. MUITO errado.

Empreender é muito mais arriscado que ser um empregado. Muito mais demandante também. Para empreender você precisa estar no auge físico (aguentar as noites inteiras que você terá que trabalhar) e no auge mental (suportar toda a pressão do mercado). É necessário perfil de empreendedor e estar sempre antenado às tendências para não ser engolido pelos competidores. Cuidado, para não ser engolido pelo próprio sonho.



O SONHO DE TODO PAI

EMPREGO EM GRANDE EMPRESA

Quando você nasceu provavelmente sua mãe não olhou para ti e disse "vai fundar um unicórnio". Ela provavelmente quis te ver advogado, médico ou funcionário público. Não sendo nenhuma dessas três opções, ela provavelmente sonhava com a estabilidade de uma grande empresa para você. E, acredite, haverá um desespero dentro dela quando ouvir você falar "vou empreender". Ela pode dizer que tudo bem e que te apoia, mas também vai pesquisar no Google as chances dessa "loucura", dar certo.

Sua mãe está certa em uma coisa: uma grande empresa pode ser um trabalho muito mais estável para você, mesmo. Você vai ter todos os benefícios que existem ao trabalhar em uma companhia grande: seguro-saúde super subsidiado, férias e, quem sabe, um departamento de recursos humanos tão chato que não vai te permitir trabalhar mais de oito horas por dia nem se você quiser. Ah, e se você trabalhar mais de oito horas por dia, provavelmente receberá o pagamento da hora extra por isso.

Mas todos esses benefícios terão um preço: seu chefe será um burocrata que estará mais pensando em suas metas pessoais que na própria empresa, ou em você. Ah, provavelmente ele vai levar o mérito por tudo de extraordinariamente bom que você fizer. E seu dia-dia vai ficar muito chato, muito rápido. Você passará a considerar algumas pessoas da empresa como "idiotas" (com essas palavras).

É capaz que você ache fantástico trabalhar em uma empresa grande nos primeiros anos. Mas depois, quando tudo cair na rotina, talvez lhe falte algo. Uma adrenalina que você não experimenta quando tudo é "estável". Por isso, boa parte dos empreendedores já passaram ou passarão por grandes empresas, principalmente os mais talentosos. Mas não fazem disso o grosso de sua carreira. Há quem ame essa vida, porém. E é bem mais tranquilo para sua mãe, que muitas vezes vai preferir te ver como um técnico na IBM do que como fundador de uma das principais empresas de tecnologia do Brasil.



E SE VOCÊ ARRANJAR UM EMPREGO EM UMA STARTUP?

Talvez o meio-termo disso tudo seja trabalhar em uma startup. Afinal, estar em uma startup também é, de certa forma, empreender e criar riqueza. Em uma startup, talvez os benefícios não sejam os mesmos e a carga horário de trabalho ultrapasse a de muitas empresas estabelecidas, mas as chances são grandes que você receba um pacote de ações como parte do seu pagamento.

Abre a possibilidade de, que na hora de sair da empresa ou da companhia ser vendida, você acabe recebendo muito mais dinheiro do que o habitual em uma grande empresa (ter 1% da companhia de R\$ 50 milhões lhe renderia R\$ 500 mil, por exemplo). E, claro, a doce possibilidade de tirar férias em que você se desliga da empresa completamente, algo que empreendedores tem certa dificuldade de ter.

Mas prepare-se para trabalhar até tarde, para a cobrança do chefe (que geralmente é o fundador) e para as grandes responsabilidades que virão (o futuro da empresa passa muito por você também!). Em outras palavras: pode ser divertido, interessante e lucrativo. Também não é certo que tudo vai dar certo (99% das startups fracassam, lembra?), mas é um bom meio-termo entre risco e recompensa.

Startups tendem a ser ambientes mais jovens, livres e descontraídos (lembre-se da minha história com bermuda!) e pode ser extremamente prazeroso trabalhar em companhias assim. Mas é fácil deixar levar-se por isso, perder o foco e jogar mais videogame e sinuca do que de fato trabalhar. E a perda de foco pode fazer com que você perca o emprego e, caso isso ocorra em grande escala, a startup em questão não vá bem.

Lembre-se: só aceite essa posição se você realmente acha pode influenciar positivamente a startup. Sua responsabilidade é infinitamente maior do que em uma multinacional em que o dono te vê como apenas mais um número.



AUTO-CONHECIMENTO É SUPER NECESSÁRIO!

O QUE VOCÊ VAI ESCOLHER?



UMA PERGUNTA

O QUE VOCÊ ACHA QUE É MELHOR PARA TI?

Para chegar na resposta, é necessário ter muito auto-conhecimento. Refletir muito sobre suas qualidades e defeitos e no que você se encaixa melhor. Talvez fazer um teste vocacional ou falar com psicólogos (e seus pais) sobre os seus desejos para a vida. Conversar com outros empreendedores e funcionários de grandes empresas e startups sobre o que eles fizeram e como eles se sentem. Procurar a maior quantidade de informação possível talvez lhe ajude a chegar na decisão mais bem embasada de todas. E com um bom embasamento, diminuir a chance de que você se arrependa mais para frente.



A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL DO MCDONALD'S

O McDonald's provavelmente é um dos maiores empregadores do mundo. Mas conforme os custos de empregar um jovem crescem (o que não é ruim, muito pelo contrário) ao redor do mundo, a empresa precisa de encontrar um jeito para manter estes custos em cheque e manter a lucratividade em um ambiente de despesas maiores e gastos maiores.

Por conta disso, a empresa iniciou um programa de substituição de uma das linhas de custo mais altas que eles possuem: os trabalhadores. E como fazer isso? Colocando máquinas que possam realizar o mesmo trabalho que essas pessoas, mas que possuem muito menos custos que eles.

Um desses esforços são aumentar o número de lojas com quiosques de autoatendimento, já presentes em alguns lugares há vários anos – principalmente em países com custos laborais mais altos, como na França (o McDonald's da Champs-Élysées já é assim há anos). Outro é a presença de equipamentos na cozinha que precisam de menos pessoas para serem operadas.

Pode parecer cruel em um primeiro momento, mas é exatamente o que a humanidade vem fazendo ao longo de toda sua história: criando máquinas que podem desempenhar o trabalho anterior. Não é obrigação moral do McDonald's empregar todas as pessoas que ele atualmente emprega. É obrigação moral entregar um bom lanche de qualidade para quem paga. Apenas para o consumidor.

E esse avanço tecnológico é bom para a economia: se antes eram necessárias três pessoas para entregar os lanches e agora só é necessário uma, as duas pessoas podem buscar novas ocupações que farão mais sentido econômico, como trabalhar em outras empresas que precisam desta mão de obra ou empreender.



No final dessa “dança das cadeiras”, a economia será mais produtiva (mas é importante que as pessoas consigam novas ocupações rapidamente, afinal, o desemprego é uma tragédia para quem passa por ele) e maior do que antes. Os efeitos da tecnologia são muito positivos.



O próprio McDonald's é “filho” da tecnologia aplicada ao desenvolvimento de novos mercados: os irmãos McDonald's desenvolveram um método barato e rápido para produzir os lanches – que acabou chamando a atenção de Ray Kroc, que transformou a pequena rede em uma grande corporação.

MUDANÇAS CHEGARAM EM MASSA AGORA

As máquinas de autoatendimento agora vão passar por uma expansão sem precedentes dentro do McDonald's, que pretende fazer a instalação em diversos locais). Já está assim há mais de um ano – o primeiro Brasil com esse modelo abriu em julho de 2017. Nessas “novas lojas”, o McDonald's quer disruptar o modelo anterior de fast-food.



Ao invés de buscar o lanche, em boa parte dessas lojas o lanche virá até sua mesa. O antigo funcionário, que antes ficava atrás de uma máquina registradora, agora poderá andar pela loja, ajudar as pessoas, anotar pedidos, limpar coisas... deixar tudo mais eficiente.



Já nos Estados Unidos, a empresa vai fazer esse novo sistema deverá atingir todas as lojas até 2020. Isso pode economizar milhões de dólares em custos trabalhistas, o que aumenta a eficiência da empresa e os lucros. “Essa é uma mudança dramática”, afirma Steve Easterbrook, CEO do McDonald's em entrevista para a CNBC.

E há vantagens em inúmeros níveis para a empresa. “Se as pessoas querem olhar o cardápio, demorar um pouco mais no pedido, eles podem fazer em um quiosque de auto-atendimento. Eles podem avaliar ver itens diferentes ou customizar a comida do jeito que eles querem”, afirmou o CEO. Ele nota também que quanto mais tempo eles passam avaliando, elas também passam a comprar mais – o que aumenta a média por compra



[CONEXÃO QUE]
[TRANSFORMA]

StartSe 

startse.com